

**“SEXTOU”, DE GEOVANI MARTINS, OU POR UMA ESTÉTICA DA CORRERIA**

**Ernani Mügge**

Universidade Feevale

**Éderson de Oliveira Cabral**

Universidade Feevale

**Resumo:** O artigo analisa o conto “Sextou”, de Geovani Martins, tendo como horizonte a condição socioeconômica do narrador e seu difícil trânsito pelas esferas do trabalho. Para tanto, recorre, em especial, ao filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que permite situá-lo no âmbito das multitarefas, no qual termos como natureza, vontade, competências e habilidades não encontram eco. A narrativa de Martins, constata-se, apresenta uma história de vida em que as forças de poder agem negativamente sobre o sujeito, inserindo-o em um espaço de opressão, de vulnerabilidade, de falta de perspectivas. Dessa maneira, denuncia as mazelas da sociedade brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** “Sextou”; trabalho; multitarefas; subemprego; poder.

**Abstract:** The article analyzes “Sextou,” a short story by Geovani Martins, bearing in mind the narrator’s socio-economic *status* and his work-related hardships. To do so, it resorts, in particular, to the South Korean philosopher Byung-Chul Han, the author that allows it to be placed in the context of multitasking, where terms such as nature, will, competencies, and skills do not echo. Martins’s narrative, it turns out, presents the story of a life in which power forces act negatively over persons, putting them in a place of oppression, vulnerability, and lack of expectations. Thus, the essay denounces some ills in the present Brazilian society.

**Keywords:** “Sextou”; work; multitasks; underemployment; power.

## “Sextou” – infortúnio e pobreza

“Sextou” compõe, ao lado de mais doze narrativas, a coletânea de contos intitulada *Sol na cabeça*, de Geovani Martins. A obra, publicada em 2018, marca a estreia do autor carioca, nascido em Bangu e oriundo da classe trabalhadora, que foi homem-placa, atendente de lanchonete, garçom em bufê infantil e barraca de praia, experiências que, com certeza, contribuíram significativamente para seu olhar sobre o mundo que reverbera na composição da materialidade ficcional.

O título do conto, “Sextou”, é uma gíria e remete ao último dia útil da semana. O termo se reveste de um significado especial, visto que antecede o final de semana, que, para parte da população, é sinônimo de descanso, diversão, alegria. Para uma parcela dos trabalhadores informais, entretanto, a sexta-feira adquire importância ainda maior, pois é o dia em que ocorre o pagamento da fêria da semana. É nessa direção que se encaminha a narrativa em pauta, que apresenta um narrador jovem, pobre, oriundo da periferia, que rememora algumas de suas vivências, dando ênfase a uma delas: a que ocorreu em uma sexta-feira, logo após o pagamento de sua primeira semana como entregador de papel – o que justifica o título – quando de sua ida ao Jacarezinho, comunidade da Zona Norte do Rio de Janeiro, “para comprar maconha” (Martins, 2018: 103).

O episódio, entretanto, é apenas o ponto de chegada de uma trajetória de infortúnio e pobreza. Em seu conjunto, a partir dos acontecimentos que envolvem o narrador, o texto apresenta muito mais pontos de negatividade do que de positividade: estes surgem apenas como breves suspiros. Nessa ordem, o texto coloca o leitor diante de uma realidade que, historicamente, caracteriza o Brasil, em que a miséria, a desigualdade social, a corrupção grassam e que, sistematicamente, são submetidas ao ocultamento – ou se escondem por sua naturalização. Ao realizar esse movimento, a narrativa provoca no leitor um choque de realidade, pois o situa, de maneira contundente, diante de um contexto social que poucas vezes tem recebido luz tão elucidativa, afinal “[...] o mísero é obscuro, linguística, cultural e historicamente. Não surpreende o seu apagamento no plano da representação, sobretudo porque a representação se estrutura a partir de um código de poder” (Vecchi; Cabral, 2019: 118).

O leitor, ao ter contato com “Sextou”, constata que a literatura brasileira contemporânea consegue apresentar narrativas ficcionais que beiram os limites da representação (Schollhammer, 2013). Para o teórico, o realismo hoje

[...] é uma estranha combinação entre representação e não representação, por um lado visível na retomada de uma herança de diferentes formas históricas e por outro na atenção à literatura em sua capacidade de intervir na realidade receptiva e agenciar experiências perceptivas, afetivas e performáticas que se tornam reais (Schollhammer, 2013: 156).

O conto, como já posto, apresenta um protagonista que vivencia poucos picos de bem-estar, que está em movimento, apoiado por alguns aliados. A cenografia e o contexto, contudo, são permeados de desfortuna e delineados pela impossibilidade de reversão de um mal-estar que é social. Dessa forma, é uma narrativa sem saída, que apresenta constante adversidade e em que o labor assume lugar imperioso e indigesto.

### **O narrador: invisibilidade e desprezo**

“Sextou” começa com o relato, por parte do narrador, do episódio em que foi flagrado pela mãe fumando cigarro. A atitude da progenitora, de correlacionar a idade de fumar e de trabalhar, constitui o ponto inicial da trajetória do adolescente.

Quando minha mãe descobriu que eu estava fumando cigarro, ela não veio me comendo no esporro, como eu imaginava. Ela só disse que não me daria mais dinheiro, que, se eu já tinha idade para ter vício, também já tinha idade pra trabalhar e manter o vício. Na hora fiquei bolado, mas depois entendi que o papo era reto. (Martins, 2018: 101)

A saga do protagonista começa, portanto, com uma ruptura: a infância – fase de levar apenas esporro – dá lugar à adultez, quando o trabalho assume lugar de excelência. O primeiro “emprego” do narrador é como boleiro (apanhador de bolas de tênis) em condomínios da Barra da Tijuca, seguindo-se, a ele, outros tantos subempregos, os quais teve que suportar: “Tive vários trabalhos depois desse, mas é foda” (Martins, 2018: 101). Não obstante, o conto não é tão linear, pois descreve os efeitos diretos provocados pela pobreza, as relações entre classes, o posicionamento de agentes do Estado no que diz respeito ao cidadão que comete alguma contravenção, a frustração constante, aliviada pelo uso de substâncias ilícitas. Estes momentos de “fuga” talvez sejam os únicos em que a atmosfera tensa e dura é abrandada.

“Sextou” traz, em suas linhas, um texto multifacetado, dividido pela trajetória do mundo do trabalho e episódios habituais da vida de um jovem estudante do turno da noite e trabalhador – ou vice-versa. É um texto ficcional, porém traz, em sua composição, uma consciência-testemunha dos efeitos diretos da pobreza e da situação da vulnerabilidade social, coisas que provocam diversas situações de estresse, de raiva, de vergonha, entre tantos outros sentimentos que expõem o ultraje à cidadania. O exemplo mais contundente talvez seja aquele em que o narrador expressa seu ódio por aqueles a que serve como boleiro: “Passei a odiar todos eles. Tanto os mais velhos quanto os mais novos, a esses odiava ainda mais. Ficava correndo atrás das bolinhas, imaginando as respostas que gostaria de dar pras merdas que eles falavam e que eu era obrigado a ouvir” (Martins, 2018: 100). Segue a confissão de que tudo o que provinha deles o irritava:

[...] o jeito que andavam, falavam, riam, tratavam os funcionários, mas o que eu mais detestava era quando reclamavam dos seus problemas: minha empregada faltou hoje, meu carro teve que ir pra oficina, não aguento mais fazer aula de inglês, o cachorro do vizinho latiu a noite toda”. (Martins, 2018: 100)

Estabelece-se, portanto, uma ruptura abissal entre o “trabalhador” e os que se beneficiam de seu labor. O narrador sente e percebe que o colocam em condição de invisibilidade e de que, mesmo assim, é obrigado a servi-los. Ainda que houvesse benefício financeiro – “pude comprar umas paradas pra mim e ainda ajudar minha mãe com as compras do mercado” (Martins, 2018: 99) –, ele não resistiu e confrontou um jovem do condomínio quando este o comparou a um “personagem de desenho animado” (Martins, 2018: 100). Ou seja, ele foi expressamente deslocado da condição de humano para a da ficção, qualificado como um “ser de tela”, criado pela imaginação de alguém e que, sob um ponto de vista mais geral, é assumido como uma instância de entretenimento do público espectador. A agressividade de que se reveste o fato, advindo de um jovem da camada abastada da população, o leva a revidar. Suas palavras – “Tomar no cu, mermão. Sou teus amiguinhos de condomínio não!” (Martins, 2018: 100) – instituem um lugar outro, por isso diferente, próprio, no qual o desprezo, verbalizado pelo deboche, é percebido e julgado.

A atitude do narrador de impor-se diante da agressão verbal leva à perda do serviço, e ele principia sua peregrinação por vários outros subempregos, o que permite,

ao leitor, identificar a linha laboral na qual se insere. Para tal, mobilizam-se alguns teóricos, cujos estudos convergem para a temática do trabalho.

## O narrador e sua linha laboral

Como não tem um ofício definido e busca constantemente um emprego digno, o narrador é um sujeito que realiza multitarefas (Han, 2017), independentemente de sua natureza, vontade, competências e habilidades. O protagonista exerce atividades de “uso de si para outros”, pois

Todo o trabalho, porque é o lugar de um problema, apela um uso de si. Isto quer dizer que não há simples execução, mas uso, convocação de um indivíduo singular com capacidades bem mais amplas que as enumeradas pela tarefa. Trabalhar coloca em tensão o uso de si requerido *pelos outros* e o uso de si consentido e comprometido *por si mesmo*. (Durrive; Schwartz, 2008: 27, grifo nosso)

Assim, o narrador de “Sextou” sujeita o seu “corpo-si” (Durrive; Schwartz, 2008) para atender demandas alheias, as quais podem concretizar a manutenção da própria vida, mas sem garantias de que, com esse prosseguimento, alcance a dignidade. É importante trazer – e destacar –, para situar o herói da narrativa na esfera do labor, o que se entende por “corpo-si” ou “corpo-pessoa”:

O trabalho não existe sem alguém que trabalha. É difícil nomear este sujeito porque isso subentenderia que ele se encontraria bem delimitado, definido. Ora, se a actividade é efectivamente conduzida por alguém em carne e osso, – ela inscreve-se em funcionamentos neuro-sensitivos de tal forma complexos que não se consegue dar a volta – esta actividade tem, além disso, prolongamentos que ultrapassam a pessoa física. São solicitados e mesmo incorporados, inscritos no corpo: o social, o psíquico, o institucional, as normas e os valores [do contexto e retrabalhados], a relação às instalações e aos produtos, aos tempos, aos homens, aos níveis de racionalidade, etc. Este alguém que trabalha – este centro de arbitragens que governa a actividade – pode assim ser designado corpo-si ou corpo-pessoa. (Durrive; Schwartz, 2008: 27)

Por trazer não somente o universo do trabalho, mas, associada a ele, a movimentação do jovem estudante-trabalhador situado no âmbito periférico, a narrativa mostra, em sua superfície textual, aspectos do controle sobre o corpo, como nas sociedades disciplinares (Foucault, 2007) e de controle (Deleuze, 2010), exercendo uma biopolítica<sup>1</sup>, além de apresentar uma atmosfera da submissão e subordinação.

---

<sup>1</sup> Refere-se, aqui, à biopolítica foucaultiana (Foucault, 2007), ou seja, a gestão, controle e transformação da vida humana via dispositivos biopolíticos, como a regulação da saúde, da higiene, a alimentação, a natalidade, a sexualidade, etc.

Visando exemplificar a afirmação, elencam-se alguns desses aspectos que a narrativa traz à tona:

[...] o primeiro trabalho que arrumei foi de boleiro. (Martins, 2018: 99).

Tive vários trabalhos depois desse, mas é foda. Além de tu ter que chegar sempre na hora, passar *a maior parte do dia fazendo uma parada para os outros*, ter que fazer a barba, cortar o cabelo, tu ainda tem que ter sangue de barata (Martins, 2018: 101, grifo nosso).

Entrei nessa de entregar papel por indicação de um amigo que estudava comigo. *Era pra ser uma parada rápida, só pra me segurar por um tempo, mas já tô nessa há quase um ano. A grana é curta, trinta reais por dia, de segunda a sexta, de oito às quatro. Em compensação o trabalho é fácil: é só entregar os papéis na mão de quem passa na minha frente, se a pessoa pegar tudo bem, não me importo se ela vai jogar no chão ou vai procurar escritório pra pedir um empréstimo. Se ela não pegar, vida que segue, o que não falta é gente pra ficar tentando.* (Martins, 2018: 101, grifo nosso)

A sociedade disciplinar e a sociedade de controle, entretanto, embora permitam pensar em uma marcação temporal, instituindo uma fase do corpo social global, neste caso, devem ser vistas de maneira mais ampla. As mazelas do Brasil contemporâneo são da ordem do histórico. Diferentes classificações teórico-sociais são evidenciadas por diversos pensadores, as quais se ajustam perfeitamente à realidade do país. No Brasil atual, ainda é possível perceber o amálgama de colonialidade (Quijano, 2005), do colonialismo (Quijano, 2005), do autoimperialismo (Moser, 2016), da disciplina (Foucault, 2007) e do controle (Deleuze, 2010) em uma matéria, constructo, produto ou projeto social de heterogeneidade negativa<sup>2</sup> e de subcidadania (Souza, 2018, 2017a, 2017b).

Ainda que todos os estratos sociais vivam os efeitos da sociedade de controle, o contingente de pessoas que está em vulnerabilidade ainda experiencia a disciplina salientada por Michel Foucault (2007) há décadas. No entanto, além de estarem sob o jugo do dever, da ordem, de privações e de proibições disciplinares, o que é uma práxis social geral (Han, 2017b), situam-se na condição de fragilidade cidadã, isto é, de subcidadania, o que as coloca não na função do exercício de trabalhos, mas de *multitarefa*s para se manter.

Cabe, assim, neste artigo, entrelaçar as proposições de Byung-Chul Han, em *Sociedade do cansaço*, quando se refere à multitarefa não como aptidão, destreza ou

---

<sup>2</sup> Faz-se referência aos mais diversos grupos da sociedade brasileira: aqueles que possuem privilégios acumulados; os que sofrem as consequências do racismo estrutural sempre vigente, desperto e subjacente; os que pertencem às classes dominantes; os trabalhadores; os desempregados; os subocupados; os informais; os desalentados; os marginais e periféricos; os excluídos.

maestria, mas, pelo contrário, como algo carregado de negatividade. O filósofo sul-coreano aponta que

[...] a *multitarefa* não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem (Han, 2017a: 31, grifo nosso).

De maneira nenhuma, dispõe-se o protagonista de “Sextou” em semelhança ao animal selvagem<sup>3</sup>. O que se quer colocar em xeque é o sistema sociocultural-laboral atual, que impõe estresse ao trabalhador por exigir dele preocupação constante em obter os ganhos necessários para sua sobrevivência.

Embora não se esteja apontando a multitarefa de algumas ocupações laborais na narrativa, há plasmado nela esse desempenho cultural. O narrador, em busca de sua sobrevivência – tal como a maioria das pessoas da classe trabalhadora ou abaixo dessa linha, no Brasil contemporâneo –, por não ter uma profissão propriamente dita, perpassa por muitos postos de trabalho, empregos ou bicos. Ele ocupa-se em diversas atividades, compondo e explicitando uma espécie de estética da correria<sup>4</sup>.

Para conseguir se inserir no campo das atividades remuneradas, o protagonista de “Sextou” conta com o auxílio de seu vizinho, Márcio, que é a pessoa que o ajuda a conseguir o seu primeiro trabalho, como boleiro, uma espécie de gandula ou recolhedor de bolinhas de tênis que fogem do alcance dos desportistas ou que recoloca a bola em jogo de maneira mais rápida.

O primeiro trabalho que arrumei foi de *boleiro*, com o Marcio, um professor de tênis que morava em cima da minha casa. Ele dava aula nos condomínios lá na Barra da Tijuca, e a gente tinha que sair de casa até as cinco e meia da manhã, porque depois, das seis até as dez, a Niemeyer só funcionava em sentido contrário o nosso. Ele era um cara maneiro e a gente

---

<sup>3</sup> Por outro lado, pode-se apontar o notável livro de Hannah Arendt (2016), *A condição humana*. Nele, a filósofa reflete sobre a humanidade e provoca questionamentos, nos quais as pessoas poderiam estar diante da condição de um animal social ou de um animal político. Byung-Chul Han (2017a) pensa esse texto de Arendt na contemporaneidade e salienta que se pode, dentro da sociedade do trabalho, ter toda uma aniquilação do agir humano e um enquadramento degradante da pessoa humana como um *animal laborans*.

<sup>4</sup> Apresenta-se, com essa expressão, a partir da palavra “correria”, usada no cotidiano por muitos, nada mais que uma reflexão embrionária sobre o modo factual de encontrar uma atividade laboral e de exercê-la com o intuito de pagar contas, alimentar-se, vestir-se, deslocar-se, etc. Ainda é notável que a definição de “correria” (correr + -ia), substantivo feminino, esteja relacionada à corrida desordenada; à incursão em território inimigo; ao ataque à mão armada, ou à grande pressa, movimentação ou atividade cotidianas (Dicionário Priberam, 2022, s.p.). Apesar de ser uma ideia incipiente, algo dela já foi apresentado em um artigo de Roberto Vecchi e Éderson Cabral (2019), intitulado *Insônia, ou a pobreza não descansa*.

ia trocando a maior ideia do caminho. Mesmo trabalhando com tênis, nosso assunto era sempre futebol. (Martins, 2018: 99, grifo nosso)

O professor funciona, aqui, como uma espécie de avalista que, por conhecer o jovem – moravam no mesmo prédio –, assume para si a responsabilidade de inseri-lo no mundo do trabalho. As relações interpessoais, portanto, se apresentam como fundamentais para o alcance da atividade remunerada, uma vez que, sem experiência e trânsito pelos espaços laborais, o mercado de trabalho não abriria suas portas tão facilmente para o narrador, embora ainda se esteja tratando de uma atividade de menor envergadura, um subemprego, mas que, de alguma forma, auxilia no alcance financeiro da família que vive em dificuldade.

A dificuldade imposta pelo trajeto de sua casa até os condomínios – era preciso sair de madrugada, pois a partir das seis horas a avenida Niemeyer só funcionava no sentido contrário – impõe-se como uma primeira adversidade ao narrador. A entrada no mundo laboral mostra, pois, as intempéries do deslocamento dentro da metrópole carioca e o despertar antes ao alvorecer – algo comum e necessário para parcela considerável de trabalhadores.

Aliado ao inconveniente do deslocamento, soma-se outro obstáculo, muito mais profundo, resultante do desacordo entre o universo do boleiro e o dos que se beneficiam de seu labor. São mundos completamente diferentes, que fatalmente levam à incompatibilidade dos atores sociais, que se confrontam, o que resulta na saída do narrador de seu ofício, como se verá adiante.

Diante disso, é possível afirmar que o protagonista de “Sextou” está sempre sob ameaça, em constante preocupação com sua manutenção/sobrevivência, como muitos trabalhadores brasileiros, que vivem em um estrato cuja atmosfera cultural não lhes permite uma atenção profunda sobre si mesmos, isto é, estão geralmente em hipertensão<sup>5</sup> (Han, 2017a), tanto psicológica e psiquicamente quanto fisiológica e biologicamente.

Ainda, o narrador de “Sextou” se enquadra naquilo que o sociólogo David Graeber (2018) aponta como um *bullshit job*, no qual os seres humanos se consomem ou se deixam consumir – por não ter ou não encontrar uma alternativa de remuneração satisfatória ou que garanta o mínimo de bem-estar e dignidade. O protagonista

---

<sup>5</sup> O que se pode vincular com o uso de drogas.

representa tantos outros sujeitos que se vinculam a atividades remuneradas que são praticamente inúteis ou insignificantes, que não proporcionam satisfação, realização, ou algo que esteja na linha da positividade natural do bem-estar. Graeber (2018), em relação a esse tipo de trabalho, evidencia que o trabalhador simula estar fazendo algo útil, porém não é essa a sua percepção. Isso fica evidente na narrativa.

*Com o dinheiro que ganhava, pude comprar umas paradas pra mim e ainda ajudar minha mãe com as compras do mercado. Quando comprei meu tênis Nike, cheguei a dormir com ele na primeira noite. Ficava andando na rua e olhando pro pé toda hora, vendo a sola tocar o chão, vibrando de felicidade. Melhor ainda foi quando pisei na escola, me sentia o máximo, parecia que todo mundo tinha parado pra me ver chegar. O que também me lembro bem dessa época é da sensação de estar ajudando em casa pela primeira vez e de como isso transformava o tratamento que recebia na família. Era tão bom tudo aquilo, que queria continuar trabalhando pra sempre, pensava isso enquanto estava em casa; mas, quando chegava nos condomínios, pegava o cano que usava pra recolher as bolinhas de tênis, pisava na quadra, sentia o sol esquentando na minha cabeça, a obrigação de servir gente que nem olhava na minha cara, nessas horas eu queria nunca mais depender de ninguém nessa vida.* (Martins, 2018: 99-100, grifo nosso)

Tal emprego parece útil para quem usufrui do exercício laboral do outro, do *alter*, do subalterno. Já para o protagonista, que exerce a atividade propriamente dita, ainda que ele esteja inserido na atmosfera do consumo e da participação efetiva na vida financeira familiar, o emprego apresenta-se como um contragosto, algo insuportável e odioso. Convém lembrar aqui a passagem transcrita anteriormente, na qual ele declara que passou a odiar todos que o cercavam e que tudo o que faziam o irritava.

O protagonista de “Sextou”, como é possível verificar, apresenta um lampejo de revolta, mas ele transcende a isso, pois também apresenta uma consciência testemunhal de sua atuação particular – todavia generalizada na classe trabalhadora – da diferença de classes e dos seus respectivos *modus operandi*<sup>6</sup>, da desigualdade social, etc.

Há, no interior do protagonista e agora boleiro, não apenas gritos latentes de raiva, como também o ressentimento do ódio, que tenta subverter e arrebentar o condicionamento imposto pelas classes dominantes, o que pode, até mesmo, subordinar o pensamento e exigir conformação. A partir da passagem do texto, é possível perceber que o ódio e a raiva são efeitos resultantes da desigualdade e de uma sociedade que é nutrida, evidentemente, por contrastes radicais.

---

<sup>6</sup> Aqui, refere-se ao modo de agir das pessoas de um modo geral e não em um sentido restrito ao jurídico, o qual automaticamente poderia inserir o protagonista num modo de ação criminal regular.

Os problemas de um estrato social arraigado no bem viver (Agamben, 2017; 2007), traduzido nas preocupações dos condôminos, “[...] minha empregada faltou hoje, meu carro teve que ir pra oficina, não aguento mais fazer aula de inglês, o cachorro do vizinho latiu a noite toda” (Martins, 2018: 100), explicita a realidade de (um sub)outro que se encontra em permanente vulnerabilidade, evidenciando a privação e a impossibilidade de acesso aos bens materiais, à cultura, à educação de qualidade, ao bem viver, à dignidade e à cidadania. Em outras palavras, o que é problema para um estrato, sob outro ponto de vista, é privação. Essas comoções de negatividade, inerentes aos integrantes da camada social do protagonista, plasmada na narrativa literária, faz com que se tenha em mente que

[...] o ódio é realista, seu objeto é o real, ele recusa o aparelho de linguagem onde o sujeito ora se encontra, ora se perde, nos desfiladeiros da palavra. Por outro lado, podemos constatar que a própria definição da palavra “ódio”, estranhamente, ou está ausente, ou sem destaque e pouco desenvolvida nos verbetes dos dicionários onde habitualmente procuramos nossas referências. (Gori, 2006: 126)

Se o ódio é pouco saliente nos registros da ciência, nas diversas áreas do saber, em contrapartida, é presente e vivificado nos embates de classes e no enunciado do protagonista de “Sextou”. Assim, na breve narrativa de Martins, há um gesto e uma manifestação de insubmissão já no primeiro emprego, o qual esclarece o lugar estreito de cada ser dentro das camadas sociais:

Um aluno mais ou menos da minha idade vem falar uma gracinha pra mim, disse que eu parecia um personagem de um desenho animado. Falei pra ele: “*Tomar no cu, mermão. Sou teus amiguinhos de condomínio não!*”. O moleque ficou me olhando assustado, parecia não acreditar na coragem que eu tive. Na hora eu também não acreditei. (Martins, 2018: 100-101, grifo nosso)

Tal enunciação – o revide – é um ato de subversão, uma vez que sai ou desfaz o xeque imposto pelas classes dominantes. Assim, supostamente o subalterno não deveria falar, ou sair dessa jogada, isto é, não se expor ao perigo ou à situação de fragilidade ou de inferioridade; desviar de uma má situação permanente; retirar a dúvida de sua importância ou de seu valor diante um adversário. Essa condição é questionada por Gayatri Spivak (2010), em *Pode o subalterno falar?*, ainda mais quando responde a “uma gracinha”.

Nessa contestação, “*Tomar no cu, mermão. Sou teus amiguinhos de condomínio não!*” (Martins, 2018: 101, grifo nosso), não há e não se trata de uma mera

interação, senão de um contra-ataque. Por isso, ocorre o estranhamento, tanto por parte do aluno da aula de tênis, integrante da classe média alta carioca, que se assusta com a atitude do boleiro, quanto do próprio protagonista, que não crê na coragem que encontra por meio da palavra, para se dirigir a quem o colocava como objeto de escárnio.

O posicionamento e a reação do protagonista saem do enquadramento que o suboutro (*sub* + *alter*) deveria apresentar, uma vez que o subalterno é aquele que está abaixo de outrem. Neste texto, o diferente, situado em posição de inferioridade, o “outro”, não tem a cidadania garantida: somente um grupo dominante de iguais a possui, no caso, a classe média alta, e não as pessoas que interagem com ela.

### As personagens e o poder

A pobreza e a miséria não somente despojam os objetos de desejo dos sujeitos que nelas estão circunscritos, mas também suprimem a cidadania e, muitas vezes, deixam transparecer o conformismo, o que pode ser considerado como a impotência da raiva (Gori, 2006).

Por um lado, o herói de “Sextou” mostra, por meio de seu enunciado de contestação, um aspecto de luta, de conflito ou de rivalidade – aqui, qualquer designação pode ser falha, pois há, na desigualdade, uma situação espoliadora da dignidade que as palavras podem não alcançar – por outro lado, a mãe dele e o professor de tênis revelam o descontentamento em relação ao seu comportamento:

*O Márcio ficou bolado, disse que quase fôdo com o trabalho dele. Minha mãe também ficou bolada, todo mundo ficou muito puto com essa história. Mas, pra mim, a pior coisa foi o Márcio ter parado de falar comigo. [...] Minha mãe ficava sempre do meu lado, do jeito dela mas ficava. Sei que ela também ficava puta com essa minha falta de tolerância, como ela mesmo dizia. “Manda quem pode, obedece quem tem juiz.” O caralho, eu ficava pensando. (Martins, 2018: 101, grifo nosso)*

Sobre o poder exercido por um estrato sobre o outro, evidenciado pela mãe por meio de um dito popular corriqueiro dentro do universo laboral brasileiro, é possível afirmar que ele pode ser imposto sem qualquer tipo de coação. Han, em *O que é poder?*, expõe o seguinte:

[...] Quanto mais poderoso for o poder, mais *silenciosamente* ele atuará. Onde ele precisa dar mostras de si, é porque já está enfraquecido. [...] O poder também não consiste na “neutralização da vontade”. Isso significa que, no que se refere ao desequilíbrio do poder

existente do lado do subordinado, não se trata da formação da própria vontade, pois ela já deve estar inscrita na vontade de poderoso. É desse modo que ela é dirigida pelo poderoso na escolha das possibilidades de ações. Há formas de poder, contudo, que vão além dessa “neutralização do poder”. *Na verdade, é o sinal de um poder maior que o subordinado queira expressamente aquilo que o poderoso queira, que o subordinado siga ou, até mesmo antecipe, a vontade do poderoso como sua própria vontade.* (2019: 9-11, grifo nosso)

As palavras de Han (2019) habitam o interior do enunciado da mãe do protagonista. O provérbio revela a subalternidade não apenas de uma classe, mas o comportamento social de uma nação. É como se essa máxima fosse fixada no próprio DNA das classes subalternizadas, soa como se o ordenamento e a obediência estivessem automatizados – o que explicita o exercício de poder das classes dominantes ou que detém o lugar, supostamente, não de superioridade<sup>7</sup>, senão de subordinante.

O posicionamento leva a compreender a atitude da mãe e de Márcio diante do deboche pelo qual o narrador passa. Ambos condenam a atitude do jovem trabalhador por entenderem que a “gracinha” do jovem rico não devesse ser contestada. Nesse sentido, o que soa atípico, no episódio, é a resposta da personagem principal, a qual, possivelmente, no entender de seus subordinantes, não deveria ocorrer, ou seja, o narrador deveria passivamente aceitar o deboche, sem contestá-lo.

Ainda em relação a isso, é possível afirmar que a classe média alta não precisa expressar o poder diretamente e, mesmo que o faça, ele provavelmente será reforçado pela própria classe subalternizada, o que mostra que o poder de subalternizar e inferiorizar não está enfraquecido na atmosfera da cenografia da narrativa. Obedecer não é uma questão de ter juízo, e sim de estar consciente das represálias que podem ser direcionadas àqueles que rompem com o querer dos subordinantes.

### **Retomando alguns pontos**

O conto “Sextou” apresenta a dura realidade do trabalhador brasileiro oriundo das classes menos privilegiadas. Ao lançar luz sobre a trajetória de um jovem, denuncia as relações de poder que se fazem presentes na sociedade brasileira e que lançam boa parcela da população à informalidade, a espaços em que desempenham apenas

---

<sup>7</sup> Por isso, neste ensaio, evita-se a palavra “elite”, uma vez que ela se direciona àquilo que mais se valoriza em uma sociedade, ou aquilo que nela se tem como sendo o melhor. No entanto, dentro do espectro social, fazer parte da elite não significa deter as melhores qualidades.

(multi)tarefas, cujo retorno financeiro garante, muitas vezes, o acesso apenas parcial às necessidades básicas ou de sobrevivência.

Para os trabalhadores na informalidade, o termo “sextar” adquire importância ímpar: ele representa um momento que proporciona certo alívio, inclusive financeiro, como visto. Para o narrador, entretanto, esse dia adquire outras nuances: surpreendido por policiais corruptos com algumas trouxas de maconha na mochila, é obrigado a entregar o dinheiro do pagamento da semana, ficando apenas com o necessário para o pagamento da passagem. O conto abre margem para outras reflexões, as quais não serão realizadas aqui. O que se salienta, todavia, é a condição desfavorável do narrador-personagem: ele se situa em um lugar de opressão, de vulnerabilidade, de falta de perspectivas, ainda que estude à noite. As adversidades que permeiam seu mundo o marcam tão profundamente a ponto de ele sentir seus efeitos na própria fumaça da maconha:

Fiquei fumando e a erva tava fresca, com um gosto ótimo, mas eu puxava aquela fumaça e ela vinha com um ódio, uma tristeza, um desânimo, que cheguei a pensar que era melhor que os filhos da puta tivessem levado também a porra da maconha. (Martins, 2018: 111)

A dureza da vida impregna, pois, a fumaça, ainda que a essência – a erva – seja de qualidade. O sentimento do narrador dessa “contaminação” indica o quanto a vida está sendo intragável para ele no momento. Nesse sentido, o próprio termo “sextar” – que dá título à narrativa – é subvertido, acercando-se de significações negativas, que remetem ao sofrimento.

## TRABALHOS CITADOS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*. o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. *O uso dos corpos*. São Paulo: Boitempo, 2017.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

CORRERIA. *In: DICIONÁRIO da Língua Portuguesa*. Lisboa. Priberam Informática. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/correria>. Acesso em: 15 fev. 2022.

DELEUZE, Gilles. *Post Scriptum* sobre as sociedades de controle. *In: DELEUZE, Gilles. Conversações (1972-1990)*. Trad. Peter Pál Pelbart. 34 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DURRIVE, L.; SCHWARTZ, Y. Glossário da Ergologia. *Laboreal*, v. 4, n. 1, p. 23-28, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3pluYFu>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GORI, Roland. O realismo do ódio. *Psicologia clínica*, v. 18, n. 2, 2006.

GRAEBER, David. *Bullshit Jobs: A Theory*. New York: Simon & Schuster, 2018.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Petrópolis: Vozes, 2017b.

MARTINS, Geovani. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia da Letras, 2018.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. In: QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder: eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, Ciudad Autónoma, 2005.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. São Paulo: Contracorrente, 2017a.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*. Rio de Janeiro: Leya, 2018b.

SOUZA, Jessé. *Subcidadania brasileira*. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VECCHI, Roberto; CABRAL, Éderson. Insônia, ou a pobreza não descansa. *Revista ALEA*, v. 21, n. 3, set./dez. 2019.

**Ernani Mügge** é doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-Africana (UFRGS), com pós-doutorado (PNPD-CAPES) em Cultura e Literatura (Universidade Feevale). Pesquisador e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale).

**Éderson de Oliveira Cabral** é doutor em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale), com período sanduíche na Universidade de Bolonha (UNIBO). Atualmente, desenvolve o projeto de pesquisa “Uma breve trajetória da literatura brasileira conjugada pela ótica do trabalho”, em nível de pós-doutorado, na Universidade Feevale.

Artigo recebido em 01/03/2022. Aprovado em 14/03/2022.